



DEPARTAMENTO MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO
E.M.E.F. ALFREDO CESÁRIO DE OLIVEIRA
Rua: André Ribeiro de Mendonça, nº 467
Bairro: Alto da Fé – Igarapava / SP
Tel.: (16) 3172 - 1405

História

Atividade remota: América Portuguesa: Africanos no Brasil

Semana: 08/11 a 12/11/2021

(4 aulas)

4º Bimestre

NOME COMPLETO: _____ ano _____

Pfessores: Mariana - 7º ano F, G, H Luís – 7º A, B, E Matheus – 7º C, D

Escravidão e resistência

Vídeo explicativo -

<https://www.youtube.com/watch?v=fGUFwFYx46s&t=12s>

Vamos relembrar: havia escravidão desde a Antiguidade (na Mesopotâmia, no Egito, em Grécia, Roma...), mas era um formato diferente de escravidão. Naquele período, pessoas eram escravizadas para pagar suas dívidas, como punição a um crime ou por ser prisioneiro de guerra. Nesses casos, a escravidão não durava a vida toda e nem passava de geração em geração. Portanto, a escravidão moderna não pode ser comparada à escravidão antiga!



Os europeus passaram a capturar pessoas livres na África e comercializaram esses sujeitos em outras partes do mundo como se fossem um produto. Os filhos desses escravizados e escravizadas já nasceriam de um ventre não-livre, ou seja, também seriam tratados como posse de um proprietário!

No século XVI, com o aumento da produção de açúcar no Nordeste brasileiro, os mercadores portugueses (aliados a alguns chefes e reis africanos) montaram um negócio altamente lucrativo que chamamos de **tráfico atlântico**.

Esse tráfico durou cerca de 350 anos e foi feito por europeus, africanos e mercadores do Rio de Janeiro e de Salvador. Por vezes, esses mercadores saíam do litoral brasileiro em embarcações próprias e, depois de cruzar o Atlântico, conseguiam escravizados na costa

africana, em troca de produtos como tecidos, pólvora, armas de fogo, e os revendiam no Brasil. Muitos deles acumularam grandes fortunas com o comércio de gente pelo Atlântico.

Segundo o historiador David Eltis, especialista no tráfico atlântico, cerca de 12,5 milhões de pessoas foram retiradas da África como escravizadas. Destas, 4,9 milhões desembarcaram em portos brasileiros, ou seja, boa parte do que hoje é a América foi construída com o trabalho desses africanos e seus descendentes. Do total de escravizados que entraram no Brasil, 75% saiu da região congo-angolana e da costa leste (área pintada em marrom no mapa). E 25% saiu da África Ocidental (área mais clara).

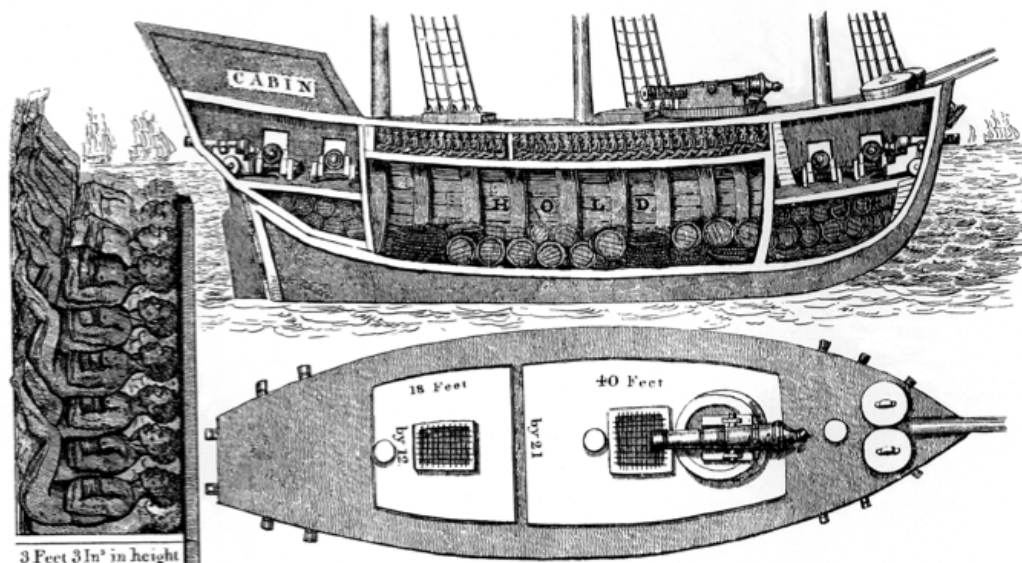
Africanos da região congo-angolana

ANOS	Para o Brasil
1501 a 1650	95%
1651 a 1725	68%
1726 a 1825	70%
1826 a 1866	88%



No Brasil, os africanos não eram chamados pelo seu **nome de nascimento** nem tratados pela sua etnia, mas sim pelo nome do porto ou região onde tinham sido embarcados. Um africano de etnia baongo, por exemplo, era chamado aqui de cabinda, se esse fosse o nome do porto africano por onde ele tinha embarcado. Outro exemplo, os diferentes povos embarcados na Costa da Mina (África Ocidental) eram chamados simplesmente de minas.

Na hora do embarque para o Brasil, o africano era “batizado”; ou seja, perdia seu **nome** original e passava a ter um nome português – que servia para ajudar a apagar da memória do africano todo o seu passado (sua família, seus amigos, sua língua e seu lugar de origem).



No litoral africano, homens, mulheres e crianças eram forçados a embarcar em navios conhecido como **navios negreiros**. A viagem das praias da África Ocidental para o Brasil durava de 30 a 45 dias, conforme o lugar de partida e o de chegada. As condições de viagem eram péssimas, a comida era pouca e de má qualidade. As pipas de água também eram poucas para não ocupar lugar no navio. Assim, cada escravizado recebia apenas um copo a cada dois dias. Alguns bebiam água do mar e adoeciam.

Os navios negreiros vinham superlotados: onde cabiam cem iam trezentos, e muitos morriam durante a viagem. Mesmo assim, o lucro dos traficantes era grande: o preço de venda de um lote era, em média, três vezes maior que o de compra. A imagem acima é um desenho feito em 1830 representado como era um navio negreiro. Logo abaixo do convés, ficavam os escravizados. Raramente havia espaço para que viessem de pé. Ali eles ficaram durante todas as semanas de percurso comendo e bebendo no mesmo local onde dormiam e faziam suas necessidades fisiológicas. Abaixo deles vinham outras cargas transportadas como água, armas ou produtos a serem negociados no Brasil.

Os africanos chegavam ao litoral brasileiro confusos e cansados, e sem saber onde estavam. Nos mercados do Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Luís eram examinados, avaliados e comprados. Um homem adulto valia o dobro de uma mulher e, geralmente, três vezes mais que uma criança ou um idoso. Como propriedade de outra pessoa, os escravizados podiam ser vendidos, alugados ou leiloados para pagar dívidas de seu dono.

ATIVIDADES DA SEMANA:

1. Explique, com suas palavras, o que diferenciava a escravidão moderna dos outros tipos de escravidão antes existentes:

2. Observe o mapa da página anterior e responda:

a) De quais portos saíam os escravizados que vinham para o Brasil?



DEPARTAMENTO MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO
E.M.E.F. ALFREDO CESÁRIO DE OLIVEIRA
Rua: André Ribeiro de Mendonça, nº 467
Bairro: Alto da Fé – Igarapava / SP
Tel.: (16) 3172 - 1405

b) Quais eram os principais portos de desembarque de navios negreiros no Brasil?

2. O que era oferecido em troca de escravizados na África pelos traficantes?

3. Por que era modificado o nome dos africanos escravizados quando chegavam ao Brasil?

4. Como era a travessia pelo Atlântico dentro de um navio negreiro?

5. Havia diferença no valor de venda de escravizados. Como funcionava essa diferenciação?
